

Anotações da Assembleia com a comunidade de São Paulo
Sábado, 6 de agosto de 2011

“Somente um caminho gera uma criatura nova, que Dom Giussani descreve assim: uma experiência diferente do sentimento de si, uma percepção diferente das coisas, uma emoção diferente da presença alheia, um ímpeto, uma densidade diferente nos relacionamentos, um gosto diferente na conturbada dinâmica do trabalho, um êxito que não era concebido nem imaginado antes” (Exercícios da Fraternidade 2011, p. 35). Que experiência estamos fazendo do caminho que gera uma criatura nova?

Pe. Julián: Aproveitando a presença do Bracco (responsável nacional do Movimento), fazemos esta assembleia para nos ajudarmos. Uma assembleia dentro do Movimento é uma simpatia do Mistério para conosco. Estar juntos, na presença do carisma, é a possibilidade de experimentar esta simpatia incondicional de Cristo pelo nosso eu. Por isso, durante as férias, nos lembramos todos os dias que somos levados a um território desconhecido. Este caminho que estamos fazendo é um caminho que nos leva a ter certezas, a aumentar as nossas certezas. Por isso, a caridade de quem compartilha algo é para aprender melhor o que é esse caminho e também para colocar quais as dificuldades que identificamos no caminho. Por isso este é um momento de grande graça para entender por que eu estou aqui: por essa afeição que o Mistério tem por mim, e decidiu me levar a um lugar que eu não conheço, mas é um lugar que corresponde ao meu coração.

Colocação: Quando fala da criatura nova, reconheço que sou eu mesmo. Vendo as pessoas chegando para a assembleia fiquei contente de ver tantos amigos, o que há oito meses eu achava difícil. Então, aceitar o desafio da realidade mostra que a realidade é amiga. Pra mim, vir pra cidade de São Paulo foi ser levado para um território desconhecido, foi um choque, e hoje vejo que é uma outra coisa. Por isso, essa criatura nova sou eu.

Colocação: Sou professora e no caminho que o Senhor está fazendo comigo, por obediência estou acompanhando os colegas, e estando com eles é sempre uma experiência inimaginável. Nas férias dos colegas todos nós fizemos a experiência de uma intensidade de vida inigualável. Intensidade nos jogos, na amizade, na dor (quando visitamos o Vale do Cuiabá), no silêncio da caminhada, na beleza da vista. Foi tudo muito intenso, e percebo que pude viver isso lá por causa da simplicidade dos meninos, que têm uma adesão e um coração livre e aberto, que permitiu isso. Aprendo isso com eles.

Colocação: Eu venho vivendo o trabalho de um modo dramático, buscando as razões das coisas. Estava em um trabalho ruim, mas fui resgatada para um trabalho bom, mas mesmo assim não bastava. Vinha com essa pergunta. Tenho pedido para que o Senhor seja claro com o que Ele quer comigo no meu trabalho na moda. E na sexta-feira passada fui à aula de pós e ouvi a professora falar de vários autores e ela dizia que a globalização é a internacionalização em tempo real das diferenças, e que isso é um drama, e que diante disso a gente pode ver a moda como problema ou como aventura e ela quer viver como aventura. Falou que todo ser humano tem o desejo de belo, e que o desejo de belo carrega o desejo de eterno, e que as coisas são perecíveis, e por isso o consumo. Mas ela quer olhar a moda de outra forma. Fiquei surpresa: Quem colocou essa mulher aqui? Eu sempre tive esse desejo e eu achei que nunca ia encontrar alguém assim na moda. Relendo a minha monografia reli a dedicatória para a Silvia Brandão que me ajudou a olhar para o que o meu coração quer. Então, eu me dei conta que o meu caminho, que começou com o encontro com a Débora algum tempo atrás, é claro e linear, só precisa do meu sim cotidiano.

Colocação: Faz uns seis meses que eu noto que eu não tenho justificativa para diversos momentos de tristeza. Antes eu podia falar da situação financeira, de questões familiares, de vários precedentes, mas a certo momento eu me vi cercada de coisas muito boas – marido muito bom, filhos muito bons – mas continuamente com o coração rasgado. Várias vezes eu escutei o pe. Julián dizendo: “É o Senhor que

está perto”, mas eu não consigo entender isso direito vivendo desse jeito. Depois, em um momento muito dramático que eu vivi, fui acompanhada, de verdade, por um amigo. E eu sempre continuei pedindo a Presença: “Se o Senhor não se coloca de um jeito muito evidente eu decaio”. E sendo acompanhada por alguém que não tinha medo do que eu estava dizendo (sem me oferecer remédios ou cartão de algum psiquiatra), desencadeou uma série de respostas. E uma delas são os meninos que a gente acompanha na Crisma, porque olhando pra eles, para as descobertas que eles fizeram olhando pra si mesmos, eu também consegui olhar pra mim. E, hoje, vinte anos depois, fico comovida com o caminho que o Senhor faz comigo, porque vejo que tudo aquilo que eu sou tem se transformado, tem se potencializado a ponto de acolher realidades extremamente duras. Foi o que aconteceu ontem com um aluno de 13 anos que desmaiou na escola porque tomou vários comprimidos para tirar a vida porque dizia que não era feliz. Depois do corre-corre, a primeira coisa que fiz foi escrever uma mensagem para os meus amigos que rezassem uma Ave-Maria por ele, um dos piores alunos que eu tenho, mas por quem tenho uma afeição muito grande. Então, neste tempo todo, descobrindo a miséria desse meu coração, e a incapacidade que eu tenho de responder às muitas coisas que desejo, eu me descubro capaz de acolher uma situação dessas sem julgar ou dizer “pobre coitado”, pois aquele coração é um coração que grita como o meu.

Bracco: Ouvindo o que você contou pensei nesta frase que diz que “somente um caminho gera uma criatura nova, um sentimento diferente de si”. Nos Exercícios se fala muitas vezes desse sentimento diferente de si, por exemplo, quando fala de Nossa Senhora: “A partir do momento do anúncio, Ela assumiu o seu lugar no universo perante a eternidade, estabeleceu uma nascente totalmente nova de moralidade nova na sua vida, um sentimento novo de si”. Isso não significa que estava sempre pulando de alegria. Ela começou a sentir a humanidade dela com uma profundidade mil vezes mais intensa do que antes. Isso significa uma tristeza mil vezes mais intensa, uma alegria, um medo. Depois que o Anjo foi embora tudo ficou aparentemente igual, mas depois de ser chamada pelo nome, Ela assumiu o seu lugar dentro do universo. “Uma veneração de si que era igual ao sentimento do seu nada”. Depois fala de Leopardi, que tudo é pouco e pequeno para a capacidade do próprio espírito: “Sempre acusar as coisas de insuficiência e de nulidade, e sofrer de ausência e vazio, e, portanto, tédio, me parece o maior sinal da grandeza e da nobreza da natureza humana”. Nós somos filhos de um homem que sentia assim a vida, que sentia a tristeza como você sente. Só que aconteceu algo na vida dele, que é a proposta que ele fez pra nós, que um dia após o outro, essa tristeza era como uma estrada, era como um recurso, era algo bom, não era algo que eu precisava tirar. E aí começo a entender que o primeiro sinal de Cristo na minha vida não é Ele, é como quando você se dá conta de que está apaixonada e o primeiro sinal não é o cara, é que começa a mexer algo em você que antes estava parado. Entre milhões de pessoas você começa a se apaixonar por um e o primeiro sinal é que você vê que começa a mexer algo que antes estava parado e que você não se dava conta. Então, esse sentimento de si profundo, que pode ser a tristeza, mas é o teu humano que você começa a perceber que é o primeiro sinal da presença de Cristo. Alguém quis colocar dentro de mim um motor pra não deixar tranquilo o meu coração, para abrir um abismo no meu coração, para que eu pudesse recebê-lo como um presente, não como uma coisa qualquer. Pra eu me apaixonar eu precisava ter uma sede de infinito, por isso ele me deu essa tristeza, te deu esse drama, nos dá tudo o que acontece todos os dias, de bom ou ruim, nos dá essa desproporção original, que a gente sempre quer tirar, mas sem isso eu não começaria a olhar pra Ele como alguém de quem eu preciso para respirar. Sem isso eu não procuro Cristo. E assim a vida se torna uma aventura e eu não tenho mais medo. Mas preciso de um caminho que me ajude a olhar sem medo esse abismo que eu tenho, que é meu, é seu, é de todos os que estão aqui.

Colocação: Saí dos Exercícios da Fraternidade deste ano com uma grande tristeza e me perguntava: por que tamanha tristeza? Esta tristeza me fazia perceber como os relacionamentos que me são mais caros (esposo, filhos, pai, amigos) me deixavam com um gosto da falta de algo. Não existia um problema, mas não me sentia feliz. Vinha de um tempo (2 anos) fazendo um pedido que se intensificou após o retiro. Desejava me ver como Deus me vê e a este pedido se acrescentou outro: que eu pudesse perceber o amor de Deus no cotidiano. Na p. 39 do livrinho o Carrón diz: “Por que em muitas ocasiões

sentimos uma resistência tão visceral a deixar-nos atrair por Ele?”. Indo às férias dos colegiais, o tema era: “Mestre onde moras? Vinde e vede.” Uma palestra de padre Eugênio Nembrini que todos devem ler. A proposta de trabalho foi a pergunta: como Deus me olha? Pensei: “Nossa! Até aqui não tenho férias! Então terei três dias para responder a esta pergunta”. Sempre que vou às férias dos colegiais fico responsável pelos cuidados da saúde e esta foi a oportunidade de estar com alguns meninos e pude perceber que o simples (dar um remédio, procurar um tênis...) era para que eu olhasse a necessidade da pessoa que estava à minha frente com o grande desejo de felicidade e de justiça. Na assembleia quando o Ricardo falou sobre a tristeza que ele vivia, disse para mim: é isto que vivo. Quando algo é verdadeiro e fala ao coração do homem faz-se silêncio, como naquele momento. Mesmo entre as dificuldades dos adultos, alguém dizia: “Que bonito! Vocês discutem porque desejam a unidade.” Como falou pe. Cassio: “Eles me fazem novo.” O que aprendi com esta pergunta “como Deus me vê?” é que sou filha e que Ele me dá um irmão de caminho (Cristo) que se faz presente nestes meninos necessitados de cuidado, de uma mão para subir a montanha, de alguém que os olhe. É a mesma necessidade que tenho e na qual sou respondida toda vez que peço. Esta é a mesma experiência que me cativou na universidade quando, fazendo caritativa com o Cesar, o Alexandre e a Cida (de Fortaleza) eu conheci o Movimento.

Colocação: Queria contar o que foram as férias pra mim porque percebi mais uma vez que aquilo que muda, que transforma, que faz eu me mexer, é sempre uma atração. Nas férias foi tudo muito bonito, seja o lugar, mas também a familiaridade com as pessoas. Estavam todos atraídos por aquilo que estava acontecendo e isso me colocou junto com as pessoas de uma maneira que não é muito comum experimentar. Era uma beleza muito grande e é isso que me arrasta no mundo. Em um testemunho da segunda palestra dos Exercícios a pessoa fala: “A Presença desencadeou a percepção da minha desproporção, mas a desproporção me deixou em condição de ver essa Presença em coisas para as quais antes eu não ligava”. Uma atração grande como essa escancara o meu coração. E quando chegou a segunda-feira no trabalho, a primeira reação foi a de uma estranheza. Eu estava no final de semana com 300 pessoas que eu conheço pouco, mas experimentava uma familiaridade enorme. Chego ao trabalho com pessoas que conheço há anos, mas são estranhas pra mim. E foi bonito me dar conta de que ali estava vindo à tona toda a minha desproporção, e que também revelava o desejo que eu tenho de viver todos os relacionamentos como vivi nas férias. E me dei conta de que naquela circunstância do meu trabalho, aquilo que estava me desafiando, provocando o meu coração, era a mesma coisa do final de semana. Assim, conto duas circunstâncias. Na terça-feira, atendendo uma paciente que estava em uma situação um pouco difícil, ela começou a falar: “Eu sou católica, acredito em Deus, as coisas vão correr bem, não posso ficar triste, não quero que ninguém me ajude nem venha comigo na consulta, etc”. Ao mesmo tempo em que ela falava isso, a situação era angustiante porque ela estava sozinha e estava destruída. Eu me senti sufocado porque ela falava da fé como uma couraça que cobria o que estava acontecendo para ela não olhar. E aí eu falei pra ela que a gente não precisa ter medo do que está acontecendo. O que é triste é triste, não precisamos ter medo de chorar. Nossa Senhora chorou e Jesus também chorou. Não é esse o problema da nossa fé. E isso foi, primeiro pra mim, a possibilidade de respirar e depois pra ela também. A segunda coisa sobre o estar diante da minha desproporção é que na semana anterior uma paciente que se tornou minha amiga foi jantar pela segunda vez na minha casa. Ela tem 32 anos e tem uma situação de doença bastante complicada. Foi bonito que no meio do jantar ela nos perguntou: “Quem são vocês? Eu não consigo enquadrar vocês em nada daquilo que eu conheço”. Eu já tinha conversado sobre a minha experiência do Movimento e vocação e ela sabia onde estava indo. Depois ela começou a falar das dificuldades que ela estava vivendo, da vida dela, e pra mim e pras pessoas da minha casa isso abriu uma ferida enorme, porque é estar diante de algo que eu não consigo enfrentar por minha conta. Mas estando na companhia dos meus amigos, apesar de toda a desproporção que vinha à tona, era algo que me colocava diante de algo que é muito maior, me colocava diante de uma atração que me fazia reconhecer que era Ele ali dentro daquele particular. Faço a experiência de estar inteiro diante da minha vida, que eu não sou dividido. Vivo a gratidão porque Ele existe e leva a minha humanidade para um lugar que eu nem podia imaginar.

Bracco: Obrigado pelo que disse. Logo depois das férias eu fui a Salvador e fizemos um encontro com a comunidade de lá. Uma pessoa disse que viveu uma experiência muito bonita nas férias e que depois de dois dias estava com medo de que essa correspondência aos poucos pudesse sumir. Depois, outra pessoa, que não foi às férias, disse que o que valia era viver o cotidiano. Havia muitas opiniões. E aí eu me perguntei o que foram pra mim essas férias, porque eu também voltei com o coração vibrando como os discípulos de Emáus, porque foi algo excepcional. Depois começou o cotidiano, as coisas de sempre. Mas, agora, todos nós temos que prestar contas com o que aconteceu naqueles dias, seja quem estava lá como quem não estava. Entendi que para viver o cotidiano eu preciso de algo excepcional. Se não tivesse acontecido a noite em Belém, se não tivesse acontecido a ressurreição de Cristo, alguns dias com hora marcada, se não tivesse acontecido algo excepcional, o meu cotidiano seria uma tristeza infinita, seria sufocante, uma angústia. Quando algo excepcional acontece isso se torna a possibilidade de uma memória, possibilidade que eu reconheça no meu cotidiano, é mais fácil reconhecê-Lo. Uma memória sem fatos excepcionais que acontecem na minha vida fica pendurada no vazio. Ao invés, no meu cotidiano, num dia em que parece que não acontece nada, isso pode se tornar excepcional por causa de uma memória que me torna possível reconhecer e viver hoje aquilo que aconteceu com João e André. Mas sem aquilo que aconteceu com João e André eu não poderia viver aquele dia em que parece que não acontece nada. Por isso essas férias foram um marco, que coloca algo novo mesmo para quem não estava lá; porque não basta dizer “foram bonitas”, eu preciso dizer o que mudou lá. Cristo vem ao meu encontro hoje por uma humanidade diferente. O caminho normal que Cristo estabeleceu é o de mudar alguém a tal ponto que faz com que eu me pergunte: “mas o que está por trás desse cara?”, “quem está por trás desses dias que foram tão diferentes?”. E assim eu posso conhecer os traços desse Homem dentro do cotidiano. O excepcional me ajuda a entrar no cotidiano, e me faz me surpreender enquanto estou trabalhando. Às vezes ficamos tristes porque não conseguimos encaixar Cristo no trabalho. Mas quando foi que eu trabalhei bem? Se eu me lembro dos momentos em que trabalho melhor não são quando tento encaixar Cristo, mas quando estou apaixonado, quando estou tão cheio daquela presença que quando trabalho nem me lembro de Cristo, mas estou diferente. E quando te perguntam “o que te aconteceu?” você logo percebe que te aconteceu aquela maravilha, aquele fascínio que é Cristo. Então, eu preciso do excepcional. E o excepcional vem ao meu encontro através de algo que acontece em mim e por uma humanidade diferente que acontece no outro. E eu tenho que decidir se a minha vida continua no trilho como se nada tivesse acontecendo ou se decido mudar a direção para seguir Cristo, que é seguir o que está acontecendo. É um desafio contínuo, mas é para eu poder vibrar assim, pra eu poder me apaixonar, poder me comover e descobrir que Ele está presente na minha vida. Porque quando você surpreende Cristo não como vivo e basta, mas como alguém que ressuscitou, descubro que Cristo abraça a dor que sinto por algo que eu não consigo explicar. Só consigo viver uma dor assim se nasce uma afeição por Cristo com a consciência da dor que Ele passou por mim, e posso perceber a companhia d’Ele, que eu não estou sozinho.

Colocação: Logo que eu li a pergunta pra essa assembleia, o que me marcou foi a palavra “caminho”, porque isso pra mim é muito importante nesse momento da minha vida, pois vivo uma enorme urgência de entender alguns fatos que aconteceram comigo. Se não existe em mim essa urgência não faz sentido falar de caminho. E eu parti com uma hipótese: essas palavras desses Exercícios são a resposta pra essa minha urgência. E foi assim que eu me debrucei sobre elas. Faz 27 anos que eu estou no Movimento e é bonito reler palavras que eu sei de cor, como algumas citações do texto “Em caminho”, como a hipótese da resposta. Entendi que falta em mim esse “sentimento do próprio eu”, e por isso demoro a perceber o meu coração. “Falta de quê é essa falta?” Preciso me colocar diante dessa pergunta. E pra minha surpresa, nesse trabalho pessoal, comecei a ver que o que me atrai é o eu em trabalho, é Cristo, porque o eu em trabalho grita Cristo. Hoje a Cleuza contava que ao conhecer o Marcos ele era feio e franzino, mas quando ele falava a atraía. E eu entendo o que ela está falando, porque isso é onde eu vejo o traço do rosto de Cristo. Entendo que esse trabalho é olhar o que me atrai e isso é a ocasião para conhecer um traço desconhecido do rosto de Cristo, a quem eu já sou certo de amar. Por que me atraem tanto alguns amigos? Porque é um eu em trabalho. Terminei contando uma

coisa: Dom Giussani em mim sempre teve um efeito visceral, o efeito de uma atração que tem a ver com as coisas mais profundas do meu ser. Paradoxalmente, tamanha atração me poupou um pouco do trabalho. A atração era tão grande que me bastava, era razão suficiente para a minha estrada. E daqui nasce a enorme gratidão que eu tenho pelo Carrón, porque com ele não tem esse automatismo, e, portanto, o meu trabalho pessoal é maior. Carrón me dá Dom Giussani como eu, com Dom Giussani, não o possuía.

Colocação: Esse tempo tem uma exuberância de sinais. É verdade que Cristo nos atrai, pois não estaríamos aqui num sábado à noite. A minha filha está participando da experiência dos colegiais e ela está apaixonada pelo Movimento e queria muito que as melhores amigas do colégio viessem também. Então ela as convidou para a festa junina e elas não foram. Fiquei impressionado porque ela chorou pois aquelas amigas não queriam compartilhar a beleza que ela estava vivendo. Depois de algumas semanas, os meus amigos da faculdade que eu não vejo há muito tempo, me convidaram para um jantar. Eu fui e lá o marido de uma delas ficou me questionando por que eu ia pouco àqueles encontros e eu acabei falando do Movimento, que é algo muito importante pra mim e isso fez com que eu me desse conta de que encontrei na vida algo diferente que me atraiu mais do que aqueles colegas. Não existe na minha vida uma atração maior do que Cristo. “Cristo atrai-me todo a Si, tão belo é”. Essa atração é o que move a minha vida e eu tenho sinais exuberantes dessa Presença na minha família, na caritativa, na Escola de Comunidade, nas férias... O caminho que eu tenho feito é o de me dar conta dessa atração e ela é o que me move a assumir as responsabilidades muito grandes que tenho no trabalho, pois não tem nada mais interessante do que a amizade com Cristo.

Bracco: Nas férias o padre Aldo falou: “Eu nunca escolhi as minhas amizades, nunca. Todas nasceram por causa de um grito, não por uma simpatia, ou por projetos... Deus acontece sempre se o meu grito é sincero. Viver como uma sentinela. A vida deve ser vivida assim, senão não é vida.” Tendo esse eu em trabalho, preciso sempre procurar quem é autoridade pra mim. Não aquele que fica lá dando sinais, mas em quem “é mais simples e límpido ver a correspondência de Cristo com as exigências do coração”. Eu me coloco em trabalho quando tenho claro quem é essa autoridade e se me decido a seguir. Porque assim eu me torno como uma sentinela. Com um olhar aberto como os colegiais ou os meninos que estavam nas férias, mas como adultos, com o coração que vibra. Mais consciente do drama da vida e mais consciente de que Cristo está presente, que está presente porque ressuscitou. Eu tenho que fazer experiência dele assim, de alguém que salva o meu grito, que entra no meu grito, que não o apaga, mas que responde a esse meu grito.

Colocação: Eu nunca tinha ouvido falar do Movimento, mas conheci uma professora neste ano e fui às minhas primeiras férias. E foi incrível ver 150 jovens bonitos unidos por um objetivo. E depois das férias a minha vida mudou de cabeça pra baixo. Senti preenchido todo o meu vazio. Na volta eu chorei muito porque não queria que terminasse, mas entendi que é algo vibrante pra vida toda porque pode continuar no cotidiano. Com o Movimento comecei a me sentir bem mesmo quando não tem nenhum motivo pra se sentir bem, e nas férias entendi que eu estava no rumo certo.

Colocação (colegial): Nós vivemos uma coisa muito bonita nas férias dos colegiais e começo a entender que é uma amizade que vai durar pra vida inteira. Falei da dificuldade de continuar vivendo a mesma coisa das férias na escola, em que ninguém acredita no que eu acredito. E me lançaram um desafio: ler o texto das férias 15 minutos por dia. E isso fez muita diferença, porque diante de algumas dificuldades que eu não entendia, eu segui, e tinha a certeza de que era para o meu bem.

Colocação (colegial): Há uns meses atrás eu estava muito perdida e queria sair da Escola de Comunidade porque eu não conseguia olhar para a realidade. Mas prossegui e isso mudou o meu modo de trabalhar, porque comecei a olhar para os colegas e renasceu uma paixão pelos pacientes, e duas pessoas vieram me falar que queriam ter fé. Isso me marcou e entendi que preciso ficar mais atenta à

realidade, pois Ele me mostra o que quer de mim no meu cotidiano do trabalho e na minha relação com as pessoas.

Bracco: Também pra mim o encontro com Dom Giussani foi como o encontro de João e André com Cristo: algo que mudou a minha vida. E neste tempo, o que está me marcando mais é perceber que aquele olhar que eu encontrei com ele continua e está mais vivo do que nunca. Entendi mais o que é o carisma, que é Cristo que veio me pescar onde eu estava através de um temperamento, de um jeito de falar, de coisas bem precisas e concretas, que foi através desse homem. Esse jeito de falar do homem, de olhar para o homem naquilo que ele tem de mais profundo: essa liberdade, esse mistério eterno do nosso ser. Encontrar o homem no ponto mais vivo que ele tem, neste mundo de hoje em que todos falam de liberdade, mas ninguém é livre. Mas também entre nós corremos o risco de viver tudo na escravidão. Pra mim é incrível perceber que o nosso carisma, que nasceu com esse homem, que é esse olhar tão valorizador e tão libertador, que pode olhar todo o humano, algo que está tão ausente no mundo, continua através do Carrón. Cada vez mais eu me dou conta da importância cultural e social que tem o nosso carisma, pois o mundo espera encontrar uma experiência assim. Não sou só eu que preciso. Todo o mundo precisa encontrar alguém que olhe assim. E esse é o carisma que nós encontramos com Dom Gius e que está vivo, está cada vez mais vivo. Como ele falava, o trem adquire velocidade na corrida. Se é verdadeiro, aquilo que começou com ele agora vai mais rápido. E vai mais rápido através da gente. A possibilidade que esse olhar tão humano esteja presente depende do nosso sim, de como a gente cada vez mais se dá conta do que nos aconteceu. Porque nós encontramos Cristo através de um homem vivo, não de alguém que falava de Cristo. Cristo me encontra através do meu humano, me dando o mundo, e é através do carisma que encontramos. Então, é preciso redescobrir, se apaixonar de novo, perceber o valor histórico daquilo que encontramos. Estar cada vez mais vivo é fundamental pra mim porque é como entender a tarefa que temos no mundo. Cada um de nós, onde está? Juntos nas férias e depois sozinhos no trabalho. E uma coisa serve pra outra. Se a gente não tivesse passado as férias juntos, eu não teria me comovido por entender que somos um povo assim. Ver uma criança de 10 anos que se comove e fala pra mãe: quando vou ter a minha Escola de Comunidade? As crianças vêem isso nos pais que vivem assim, e nos amigos dos pais, ou em alguém que ninguém imaginava. Um povo assim é o que está acontecendo entre nós e isso tem um valor histórico. A última coisa é que recebi uma fala do Carrón em que ele diz: “Eu vejo acontecer uma vibração em alguns por aquilo que eu digo. E eu tenho que seguir isso. E quando eu digo ‘e habita entre nós’, me vêm à cabeça alguns rostos, fatos. Cristo não é um cartaz, é uma Presença onde eu vejo vibrar. Essa é a contemporaneidade de Cristo. Se não é aceito, mas dado por óbvio, não tem uma personalidade autônoma que eu reconheço enquanto cantamos, por exemplo”. Essa vibração que a gente vê acontecer me leva a reconhecer uma personalidade num certo ponto autônoma, que é Ele. Esse é outro sinal que leva ao conhecimento de Cristo. Através de rostos mudados, que vibram, eu sou levado a conhecer mais Ele. Assim acontece a paixão por Cristo.

Pe. Julián: Muito obrigado, porque essa amizade constrói a nossa história, a nossa experiência e o nosso coração.